

História Cultural: reflexões sobre as narrativas do passado

Cláudio Guillarduci

Professor Adjunto – Doutor em Teatro – UFSJ

Bolsista PDJ/CNPq

Resumo: O projeto “Os edifícios teatrais da cidade de São João del - Rei (1782 – 1893): uma análise do espaço urbano” pretende discutir a partir da História Cultural a construção da narrativa histórica, entendendo que essa escrita, semelhantemente à arquitetura de lugares e de personagens de uma trama teatral, compõe um sistema de movimento que organiza uma produção textual conduzida por uma prática investigadora com o objetivo de “recapturar” um passado. Essa “escrita em espelho”, que dá lugar a uma falta, esconde o processo no qual ela foi reconstituída, pois é necessária uma passagem entre as práticas ocorridas no passado e as práticas de organização de significantes desse passado.

Palavras-chave: História Cultural; Narrativa Histórica; Edifícios Teatrais; São João del - Rei.

Esse texto apresenta parte das reflexões epistemológicas sobre a narrativa da história que venho desenvolvendo no projeto *Os edifícios teatrais da cidade de São João del-Rei (17 82 – 1893): uma análise do espaço urbano*.¹ Tais reflexões foram suscitadas principalmente a partir de dois questionamentos: (i) em que medida a cidade de São João del-Rei pode ser analisada partindo da idéia de Barroco sem cair na falácia mítica de que o barroco antecipadamente expressa as ações simbólicas são-joanenses; (ii) a escassez e/ou a recorrência de determinadas fontes utilizadas por diferentes teóricos para explicações diversas sobre o barroco e a cidade de São João del-Rei não induz a uma interpretação equivocada da cultura local.² Dessa forma, entendendo que “em história tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documento’ certos objetos distribuídos de outra maneira” (CERTEAU, 2006, p. 81), que no presente texto privilegio uma discussão sobre os encaminhamentos da História Cultural quanto às suas discussões historiográficas.

Analisar a cidade pela representação, pelo seu *imaginário social*, significa entendê-la a partir de uma ausência. Para Chartier (1990, 1991, 1994, 2002), a presentificação através do representar é a ausência de algo que já se foi e não mais será captado da mesma forma que ocorreu no passado. Nesse sentido, pode-se afirmar que a cidade se *dá a ver* pela sua materialidade e concretude, se *dá a ler* ao possibilitar avistar

¹ Em São João del-Rei durante o período de 1782 – data da construção da Casa da Ópera – e 1893 – data da construção do Teatro Municipal – foram erguidos um total de oito teatros. Destes, apenas o Teatro Municipal ainda existe. Essas construções ocupam hoje o espaço urbano delimitado como Centro Histórico de São João del-Rei. No espaço urbano de investigação priorizo o entendimento de que essas construções mais do que fenômenos físicos possibilitam um entendimento sócio-cultural da cidade são joanense.

² Cito, nesse momento, apenas o livro *Pequena história de teatro, circo, música e variedades em São João del-Rei – 1917 a 1967*, de Antônio Guerra, para exemplificar uma fonte recorrente de teses, dissertações e pesquisas realizadas por outros pesquisadores para afirmar que na cidade são-joanense existiu uma casa de ópera. No entanto, em São João del-Rei é possível encontrar (outros) documentos históricos que também indicam a existência de tal casa. Além disso, as citações dos documentos realizadas por Guerra merecem revisão: ACOR-06 – Acórdãos da Câmara dessa Villa – de 15 de junho de 1782, fl.247v.; ACOR-07 – Acórdãos e Termos de Vereância – de 3 de julho de 1786, fl. 104; ACOR-09 – Acórdãos e Termos de Vereância – de 13 de julho de 1805, fl. 281v-282v.

nela o passado de outras cidades contido no seu presente e, por último, que se *dá a rever* nos documentos produzidos no passado. No entanto, esses documentos que possibilitam uma descrição de um passado da cidade não podem ser entendidos como textos inocentes e transparentes, pois foram escritos a partir de diferentes estratégias e intenções.

Para Pesavento (1995, p.280), a tarefa do historiador é atingir a inteligibilidade dessa construção de sentido, elaborada entre uma e outra função na representação, usando o próprio conceito como instrumento “para interrogar o mundo” e para entender a pluralidade de significações e práticas de uma determinada cultura. A história, dessa forma, seria uma das representações de um passado ocorrido em algum lugar, através de seus textos e de suas imagens. “Distinguiríamos, portanto, o que se chamaria ‘passeidade’ (real acontecido) da ‘história’, entendida como narrativa que ‘representa’ através de texto e imagem”.

Portanto, se o passado real pode ser narrado através de suas pistas, ruínas, e traços deixados em seus labirintos, fragmentos e silêncios, cabe ao historiador definir, claramente, os caminhos que trilhará para atingir essa “passeidade”. Sabendo que o passado continha um futuro (desconhecido), mas presente nas ações daqueles homens. O historiador ao desenvolver o seu ofício também está trabalhando com o desconhecido, pois as fontes não são documentos reais que traduzem uma “verdade”, mas apenas uma reconstrução de uma dada realidade acontecida em algum lugar do passado.

Para Ricouer (1997), a experiência e o vivido ao serem narrados passam por uma transformação, ou melhor, são *refigurados* temporalmente. Essas narrativas pretéritas renovam-se através do presente inventando o passado da cidade e construindo seu futuro, transformando, dessa forma, seus espaços e seus respectivos significados. É nesse elemento de fora que se pode perceber uma das diferenças entre a História e a Memória. Tanto a narrativa histórica quanto a ficcional do passado transformam a experiência viva a partir das operações narrativas. No entanto, a História lança mão dos rastros deixados pelo passado com a ambição de reconstruir aquilo que um dia foi “real” e a ficção reconstruirá o passado a partir da *irrealidade* (RICOEUR, 2007, p. 275).

A História, portanto, é uma das representações possíveis do passado ocorrido em algum lugar, mas que distancia da narrativa de ficção pelo pacto instituído entre escritor e leitor ao instituir expectativas diferentes. No texto ficcional não é importante a garantia de onde e quando aquilo que está sendo narrado aconteceu, e o leitor aceita o jogo instituído como se aquilo tivesse ocorrido em algum lugar no passado. Já no outro texto, o histórico, o leitor tem a expectativa de entrar em um universo literário que, no mínimo, seja provável, honesto e verídico. Ricouer (*op. cit.*, p. 274 *et seq.*) esclarece esse pacto a partir do par *legibilidade* e *visibilidade* para indicar que na representação historiadora também tem uma dupla ausência posta pela linguagem – o passado é descrito pelas palavras – e pelo referente – portador de uma presença ausente que se serve da morte para operar uma

ordem diferente daquela praticada no passado, mas que, ao mesmo tempo, articula uma outra ordem, a da pesquisa. A escrita, analogamente a um rito de sepultamento, tem uma função simbolizadora possibilitando que a sociedade se situe no passado, abrindo espaços para o seu próprio presente.

Ambivalência da historiografia: ela é a condição de um fazer e a denegação de uma ausência; age ora como discurso de uma lei (o dizer histórico abre um presente a fazer), ora como álibi, ilusão realista (o efeito de real cria a ficção de uma outra história). Oscila entre “fazer a história” e “contar a história”, sem ser redutível nem a uma nem a outra (CERTEAU, 2006, p. 108-9).

Para Chartier (2006), a escrita histórica, semelhantemente à arquitetura de lugares e de personagens de uma trama teatral, compõe um sistema de movimento que organiza, a partir de determinadas regras, uma produção textual conduzida por uma prática investigadora com o objetivo de relatar, “recapturar” um passado. Controlada pela sua prática, essa escrita historiadora, presentifica aquilo que está ausente. Essa *escrita em espelho* ao mesmo tempo em que dá lugar a uma falta, esconde o processo no qual ela foi reconstituída, pois é necessária uma passagem entre as práticas ocorridas no passado e as práticas de organização de significantes desse mesmo passado.

Para a História Cultural, sua prática investigadora passa necessariamente pelos estudos de Clifford Geertz.³ Em *A interpretação das culturas* (2005), Geertz, a partir da *descrição densa*, busca ler os conteúdos simbólicos das ações para interpretar seus signos. Dessa forma, a descrição deve ser entendida como uma postura semântica e não materialista, pois das ações dos sujeitos o importante é perceber o recurso comunicativo conscientemente empregado naquele momento. As ações são entendidas como textos que devem ser interpretados buscando perceber como as pessoas comuns dão sentido ao mundo.

Ainda de acordo com Geertz, os textos antropológicos são interpretações de segunda ou de terceira ordem, pois somente o “nativo” é capaz de fazer uma interpretação de primeira ordem, pois é dele a cultura. O texto antropológico é uma coisa criada, no sentido de *fictio*, não significando que seja um texto falso, distante dos fatos ou simples experimentos mentais “como si” (GEERTZ, 2005, p.28). Nesse sentido, o texto antropológico, por ser uma ficção, está impregnado do autor, possui uma “assinatura” nos trópicos de seu discurso. Por isso, seu entendimento deve ser realizado buscando entender de que forma esses textos são *autor-izados*. A suspensão da verdade contida nos textos antropológicos pela afirmação de que a *autor-ização* só é possível pelos diferentes artifícios literários auxilia perceber que a visão antropológica não pode ser totalizante e que a cultura

³ A História Cultural num primeiro momento manteve um diálogo mais próximo com a Antropologia; atualmente suas preocupações estão vinculadas às propriedades literárias. O maior representante das discussões dos recursos retóricos na representação histórica é Hayden White. Ver: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*, 2001.

não é homogênea, mas constituída de inúmeras vozes, prevalecendo a dissensão e não o consenso (BIERSACK, 2006, p.127-8).

Para Certeau (2006, p. 94), a construção de uma escrita histórica ocorreria a partir de três imposições do discurso. A primeira é sua exposição ordenada cronologicamente, prescrevendo “como início aquilo que na realidade é um ponto de chegada, ou mesmo de fuga”. A segunda é que o texto deve ter um fim e, inclusive, anunciado em sua introdução. Portanto, enquanto o trabalho de pesquisa é interminável, pois inúmeros outros elementos possibilitarão uma revisão do passado e da própria escrita histórica, o texto necessita de um fim e de uma ordem. Já a terceira imposição do discurso implica numa representação escriturária que deve preencher os vazios, as lacunas que constituem o princípio basilar da própria pesquisa. “Por estes poucos traços – a inversão da ordem, o encerramento do texto, a substituição de um trabalho de lacuna por uma presença de sentido – pode-se mediar a ‘servidão’ que o discurso impõe à pesquisa”.

Além disso, a escrita histórica elaborada na relação mantida entre o presente do historiador e o passado analisado tem como pano de fundo “a grande dialética que mistura a antecipação resolvida, a repetição do passado e a preocupação presente” (RICOUER, 2007, p.403). Deve-se ressaltar que, além da própria escrita historiadora, nessa imbricada relação entre o passado e o presente, existem as escolhas realizadas pelo historiador durante o seu processo de pesquisa: documentos, recortes, metodologia etc.

Por isso mesmo, Chartier (2002, p. 91; 2002a; 2007) defende a idéia de um novo tipo de história da leitura como possibilidade de elaboração de novos métodos para a crítica de documentos. Assim como as práticas e os discursos dos atores sociais residem na tensão entre suas capacidades inventivas de agir e as convenções, as normas que os limitam, também o trabalho do historiador e do artista estão inscritas nesse campo de possibilidades. Chartier, dessa forma, problematiza a teoria geertziana ao perceber que a cultura, sendo analisada como uma teia de significados que o homem teceu, ou seja, a cultura sendo entendida como um sistema de formas simbólicas organizado, comum e unificado, impede a verificação dos processos dinâmicos – lutas, conflitos, negociações etc. – existentes nas diferentes possibilidades de apropriação das formas culturais (HUNT, 2006, p. 16-7). Chartier postula, dessa forma, uma definição de história que seja sensível às desigualdades nas apropriações culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivo Biblioteca Pública Municipal ‘Baptista Caetano de Almeida’ - São João del-Rei.
ACOR-07 – Acórdãos e Termos de Vereança – de 3 de julho de 1786, fl. 104.

ACOR-09 – Acórdãos e Termos de Vereança – de 13 de julho de 1805, fl. 281v-282v.

ACOR-06 – Acórdãos da Câmara dessa Villa – de 15 de junho de 1782, fl.247v.

BIERSACK, Aletta. “Saber local, história local: Geertz e além”. In: HUNT, Lyn. *A nova História Cultural*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 97-130.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. *À beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representação*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. A história hoje: *dúvidas, desafios, propostas*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.

CHARTIER, Roger. *Do palco à página: publicar teatro e ler romance na época moderna (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002a.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, abr., 1991, p.173-91.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

GEERTZ, Clifford. *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa, 2005.

GUERRA, Antônio. *Pequena história de teatro, circo, música e variedades em São João del-Rei – 1917 a 1967*. Juiz de Fora: Lar Católico, (s/d.).

HUNT, Lyn. “Apresentação”. In: HUNT, Lyn. *A nova História Cultural*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 1-29.

PESAVENTO (a), Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p.280. (Cultura e História Urbana, 16).

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (tomo III). São Paulo: Papirus, 1997.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. (Ensaio de Cultura: 6).